

NELMA CRISTINA SEREZER GERZSON

AS RELAÇÕES PRIMÁRIAS NO PLANO AFETIVO

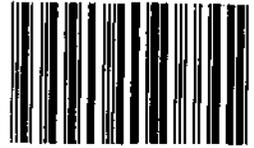
(Handwritten notes in cursive script, tilted diagonally)
A autora agradece
aos Prof. Serezer Gerzson
e a todos os membros da banca
examinadora.
Prof. Serezer Gerzson

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Física Escolar (Pós-Graduação) "Lato Sensu" sob a orientação da Prof^a Silvana Venâncio Freire.

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

1 9 9 2

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Biblioteca - F. E. F.



1290003279

Pág.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PROBLEMATIZAÇÃO	2
CAPÍTULO I - FUSÃO	3
CAPÍTULO II - ACORDO TÔNICO	5
CAPÍTULO III - ESPAÇO FUSIONAL	7
CAPÍTULO IV - AGRESSIVIDADE	9
CAPÍTULO V - AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS	12
CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16

DEDICATÓRIA

Para IVAN

AGRADECIMENTOS

À Coordenação e aos Professores do
Curso, aos Colegas e em especial a
minha orientadora Professora Silva
na Venâncio Freire

INTRODUÇÃO

A escolha do referido tema e o propósito em desenvolver um estudo neste âmbito, surgiu dos problemas vivenciados diariamente em minhas aulas na escola. Problemas de relacionamento e comportamento, de ordem emocional.

É na evolução das relações primárias que vai estruturar-se a base inicial da personalidade e as experiências motoras que vão determinar as etapas seguintes de desenvolvimento. É objetivo deste estudo elucidar alguns conceitos destas relações.

É relevante ao professor entender as relações primárias, pois a personalidade real e profunda da criança não estrutura-se a nível intelectual. Ela se estrutura e reestrutura no nível da evolução dos fantasmas através de uma vivência afetiva e emocional na qual, o corpo está sempre presente. É a dimensão do imaginário inconsciente que condiciona toda vida relacional ligado as pulsões, conflitos, perturbações e as significações simbólicas. A criança precisa viver seus fantasmas simbolicamente e assim dominá-los. Se esta necessidade de expressão for recalcada provavelmente causará comportamentos neuróticos, dificuldades motoras, inaptações escolares e sociais.

PROBLEMATIZAÇÃO

A criança vai desenvolver suas características pessoais a medida que ela se comunica e se relaciona com o meio que a envolve, adaptando-se a este, gradativamente. "Sua personalidade se estrutura e se modifica a partir das experiências relacionais e começa a estruturar-se a partir das primeiras experiências corporais. Os transtornos da personalidade não são senão os problemas destas relações" (LAPIERRE, A. & FRANCH, N., 1984).

As dificuldades de relacionamento são por vezes manifestadas pelo aluno na escola, alguns desses "distúrbios" de comportamento que podem ocorrer com a criança são: "Inibição ou agitação, agressividade ou passividade, inatenção, dispersão, ansiedade, distúrbios de alimentação ou de sono, enurese, etc" (LAPIERRE, A. & LAPIERRE, Anne, 1987, pág. 14). O autor atribui esses "distúrbios" aos problemas afetivos, emocionais e de relação. Que podem ser mantidos ou despertados por circunstâncias atuais, mas tem uma origem anterior.

Como foi citado inicialmente, os problemas relacionais originam-se anteriormente, com a estruturação da personalidade através das relações primárias. Estas trocas primárias são fundamentais a formação destas estruturas, que vão ser elaboradas no decorrer dos primeiros meses e primeiros anos de vida, constituindo a base inicial onde virão integrar-se as experiências posteriores.

Partindo destes pressupostos, pode-se considerar que as relações primárias tem importantes influências no comportamento infantil.

I- FUSÃO

Antes do nascimento mais ou menos no quarto mês de vida intra-uterina, a partir da formação de seu sistema nervoso o feto registra as suas sensações iniciais, que são do tipo fusional. A criança encontra-se em um ambiente de mesma temperatura, aconchegante, tranquilo e caloroso, onde é parte do corpo da mãe, e ao mesmo tempo é este corpo. Não há diferenciação entre o eu e o meio que o absorve, o qual permanece quase que imutável em uma sensação de serenidade constante.

"O feto é todas as sensações que recebe, quer provenham do seu corpo ou do corpo da mãe, ele é parte não separada de um todo, não há "eu" logo não há "não — eu". Este estado de indiferenciação é o que chamamos de fusão" (LAPIERRE, A. & LAPIERRE, Anne, 1987, pág. 42).

O nascimento vem romper subitamente esta fusionalidade, acometer toda harmonia presente, envolvendo todo o corpo do bebê com sensações desconhecidas: o contato com as mãos, dos objetos, a diferença da temperatura, a luz, o ar e logo a absorção e a excreção. Sensações que vão gerar um sentimento difuso de perda.

A criança necessita reviver a fusão, retornar a este estágio de absoluta satisfação e bem estar — e só poderá fazê-lo através de um contato direto com o corpo da mãe ou substituto, que deve ser pleno e fusional.

Uma relação só é considerada fusional quando há um "acordo tônico", isto é, quando as pulsões tônicas do corpo da mãe, são concernentes com as do corpo da criança, como uma continuidade do corpo do outro. Para que esta relação seja completa, é preciso que o adulto entre no "jogo fantasmático da criança" e libere seu próprio desejo fusional.

Após ter vivenciado a separação do seu corpo do corpo do adulto, a criança não deseja ser somente possuída pelo corpo da

mãe, vai desejar também possuir este corpo para si, de maneira possessiva.

A impossibilidade de ter a mãe sempre presente, vai causar um sentimento intenso de medo e angústia da perda, medo da ausência definitiva, como um sentimento de morte. É onde origina-se o desejo inconsciente de voltar ao estado de fusão, de sensações exclusivamente prazerosas. Surgindo no imaginário inconsciente o fantasma da fusionalidade, através do qual permanecerá o desejo de corresponder a falta no corpo e a falta do corpo do outro.

Entretanto, essa frequência fusional contínua não pode ser permanente.

O sucessivo buscar fusional predomina inicialmente e vai assumindo um segundo momento, o vivenciar simbólico.

II- ACORDO TÔNICO

A criança vai "comunicar-se" inicialmente com o outro (ou a mãe), a nível de organização tônico emocional. Este contato pode ser harmonioso ou não, vai depender unicamente da capacidade da mãe ou substituto, de corresponder a este contato.

Para falar de acordo tônico é necessário lembrar o que é tônus: "é o estado de tensão muscular involuntária que acompanha e exprime nossas tensões afetivas e emocionais. Essas tensões, nós a "sentimos" no contato com um outro corpo, mas também em seus gestos, e suas atitudes, onde se dá a qualidade da relação" (LAPIERRE, A. & LAPIERRE Anne, 1987, pág. 43).

O acordo tônico acontece quando o prazer, o desejo e todo conteúdo afetivo e emocional da relação é recíproco. Quando há concordância entre as pulsões tônicas do corpo da mãe com as do corpo da criança, como uma extensão de suas próprias tensões no corpo do outro, é a fantasia da fusão total: onde vai surgir o fantasma da fusão que estará presente sempre que a relação for verdadeiramente uma relação tônica.

Na relação tônica é possível sentir o outro através do seu corpo, de suas produções corporais num momento de cumplicidade em que só existe a comunicação com o outro tornando-se imperceptível o mundo a sua volta.

Trata-se da comunicação que vai servir de base para organização das relações futuras, influenciando em suas evoluções.

A frustração primária é comum quando a criança não consegue satisfazer em suas vivências tônico-emocionais e afetivas. Provavelmente elas vão procurar compensações como: uma busca afetiva incansável, ou na possibilidade dos objetos e até mesmo renunciando a seu desejo e fechando em si mesmas.

É extremamente significativo que o educador tenha plena consciência da importância destas vivências na formação da criança e

nas conseqüências que podem advir de suas frustrações. Compreendendo melhor as atitudes de seus alunos e assim corresponder a estes com total disponibilidade em uma relação cada vez mais profunda e autêntica.

III- O ESPAÇO FUSIONAL

Espaço fusional, é um espaço de fusionalidade à distância, através das produções no corpo do outro. É neste espaço de comunicação e das substituições simbólicas, que vai ser aceita a frustração da impossibilidade do contato corporal fusional.

É neste afastamento do corpo que se situa a passagem do imaginário ao simbólico. Este espaço de ação comum, esta comunicação vai ser sempre mediatizada, onde vão surgir os mediadores da comunicação: o gesto, o olhar, a voz, a mímica e o objeto. Este objeto que permite sentir o corpo do outro num fantasma de fusionalidade simbólica pode substituir este corpo, ser o seu complemento, seu objeto onde aparece a troca do ser, ao ter o objeto, transformando-se em desejo possessivo pelos objetos.

É a falta no corpo (inconsciente) que vai emergir no consciente sob a forma simbólica da falta do ter. Quanto maior a frustração fusional maior a necessidade de apegar-se aos objetos.

Para criar um espaço fusional é necessário que o adulto participe como complemento e com seu próprio prazer. Quanto maior for o prazer fusional, maior a frustração e maior a vontade de investir no espaço fusional.

A insuficiência de prazeres fusionais vai prejudicar a dinâmica do desejo, e todo futuro da criança.

Nos primeiros anos, a motricidade da criança está ligada a extensão de seu espaço fusional, a criança que abandona sua procura fusional pode apresentar um atraso no desenvolvimento motor.

"Este espaço é então, ao mesmo tempo um espaço físico e psicológico, e sua amplitude aumenta simultaneamente nos dois planos. É possivelmente através deste nível do espaço fusional, que vai começar a se estruturar o espaço físico, o dentro, o fora (de seu corpo e do corpo do outro) a distância (do corpo do outro) a direção (de mim e do outro, e do outro corpo a mim), a temporalida-

de (antes do outro, depois do outro, ao mesmo tempo)" (LAPIERRE, A. & BERNARD, A., 1984, págs. 19, 20.

A dificuldade ou a impossibilidade de encontrar este espaço seguro, compartilhado com o outro, vão constituir a origem profunda das perturbações psicomotoras. Por que o tempo e o espaço são limitados em seus contornos e só existem em função de um eu corporal individualizado, separado de um outro. A procura fusional tem a finalidade de penetrar esse outro, mas não ser penetrado pelo outro na mesma fanasmática. Quem doa inicia a reação, é o mestre do jogo fantasmático.

A partir daí que vão nascer as reações de posse, provocação, dominação, ciúme, recusar ou compartilhar os lugares do outro com um intruso.

Durante esta evolução as reações fusionais criança-adulto vão estar perturbadas, existe a oposição e a complementariedade entre os desejos. O adulto também vai projetar seus desejos na criança.

É o aspecto conflitante da fusionalidade, que vai tornar-se essencial a procura da identidade através da oposição.

IV- AGRESSIVIDADE

"As pulsões agressivas aparecem na criança entre 18 meses e 2 anos; Elas são inicialmente dirigidas contra o adulto e a agressão contra outras crianças é em grande parte uma recondução da agressão reprimida contra o adulto, representante simbólico das figuras parentais" (LAPIERRE, A., Entrevista, 1984).

"As origens primárias da agressividade são: a frustração do desejo possessivo do corpo do adulto e a agressividade de posse do objeto — (da falta do ser a falta do ter)". (LAPIERRE, A. & BERNARD, A., 1984, pág. 26).

A criança precisa libertar-se do desejo fusional do adulto para que ela possa encontrar sua identidade. Seu espaço fusional vai diversificar-se e automatizar-se na procura de uma identidade que vai permitir ser único e não mais complemento do outro. É a necessidade de se libertar da dependência do adulto — Esta crise de agressividade culmina no período de oposição, o período do "não", "eu não quero". Se opor ao desejo do adulto é afirmar sua independência e identidade, afirmar que se saiu da simbiose, é a partir daí que aparece o pronome "Eu". É preciso destruir este corpo para poder desligar-se dele. A agressão contra o corpo do outro como um "corpo a ser destruído" deve ir até a morte (simbólica), o enterro e algumas vezes até a devoração (crianças brincam cortando o corpo e dividindo-o num festim ritual). É somente após esse exorcismo que poderá renascer um corpo que deixa de ser assustador. Um corpo que as vezes as próprias crianças fazem renascer. O que a criança pede é a satisfação simbólica de seu desejo. As vezes representam sua morte e renascimento, numa preocupação fantasmática de identificação — A identificação não é apenas fusão é ser o outro, usurpar sua identidade, seu poder e talvez destruí-lo simbolicamente uma segunda vez.

A procura da identidade através da agressão é uma tentativa

de ruptura do acordo fusional, no entanto não é uma ruptura da comunicação — necessito do outro para afirmar minha identidade. É a referência da minha própria identidade. O "eu" só existe por referências ao "não eu" — A fusionalidade incorpora a identidade como ser contrário. A criança só pode conhecer a identidade se conhecer a fusão.

A agressividade é uma pulsão de vida, "por que a vida é agressiva e tem que lutar com outras vidas, por uma questão da própria existência" (LAPIERRE, A., Entrevista, 1984).

A repressão e a culpabilização excessivas da agressividade levam a diversas atitudes negativas:

— A inibição e passividade que podem chegar até o não investimento escolar.

— As acumulações de tensões agressivas reprimidas que leva a explosões violentas ou a uma agressividade hipócrita e perversa, mais ou menos sádica.

— A auto-agressão, a auto-punição sob forma de conduta suicida, masoquismo, martírio ou somatização.

O objetivo educacional não deve ser de recalcar a agressividade, mas canalizá-la para formas simbólicas socialmente mais aceitáveis.

Segundo LAPIERRE, A. é necessário procurar descobrir a causa da agressividade excessiva da criança e lidar com a causa, mais do que reprimir seu efeito. As causas mais freqüentes:

— Uma carência afetiva, a criança mal amada que compensa com uma reivindicação agressiva. Esta agressividade esconde na realidade um pedido de amor.

— Ao contrário, também, uma superproteção materna ou parental contra a qual a criança luta agressivamente para se liberar.

— A vivência numa família em que a agressão é aberta ou insidiosa, é o modo de relação quase que exclusiva e onde, em geral, a criança é utilizada por cada um dos pais contra o outro, o que

constitui o modo que o casal usa para se equilibrar; aí a criança se torna o "objeto mau", portador da neurose familiar.

— A agressão parental, algumas vezes inclusive física, contra a criança que é mal aceita ou é vítima da recondução da agressividade reprimida de um dos cônjuges contra o outro.

O autor ainda ressalta que, a maneira adequada a proceder diante do comportamento agressivo da criança é inicialmente aceitando-o e depois transformando-o em jogo simbólico.

V- AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS

LAPIERRE, A. considera os processos simbólicos múltiplos e complexos por isso não tem como objetivo analisá-los exaustivamente. O autor refere-se basicamente a estes mesmos processos observados nos comportamentos espontâneos das crianças no decorrer de seu trabalho.

O simbolismo em uma concepção psicanalítica, em conceito simplificado, "é um modo de representação indireta e figurada de uma idéia, de um conflito, de um desejo inconsciente" (LAPLANCHE, J., 1991, p. 481), e expressa um conteúdo simbólico e fantasmático. "O fantasma é uma produção imaginária inconsciente, isto é, capaz de motivar comportamentos sem que o indivíduo tenha deles consciência" (LAPIERRE, A & BERNARD, A., 1984, pág. 08). O nascimento do fantasma, através de uma experiência vivida, aparece pelo aumento da emoção e da angústia. A intensidade nestes sentimentos vão pressionar o inconsciente exteriorizando o "recalque". O fantasma é elaborado a nível da passagem para o simbólico, os conflitos, a angústia só são superados quando o imaginário inconsciente pode ser simbolizado.

A função simbólica é um fator determinante na evolução da comunicação da criança e tem origem nos elementos simples da infância.

As substituições simbólicas utilizadas são elementos que podem ser materiais ou não, e possuem uma carga afetiva que faz deles um prolongamento do corpo e servem de apoio para os desejos fusionais ou agressivos.

A princípio são elementos simples: o olhar, a voz, o objeto, o som, posteriormente a pintura, o grafismo, a linguagem e gradativamente todos os mediadores sócio-culturais.

A base dos processos de simbolização são classificados em três etapas: a substituição simbólica do corpo do outro, a medi-

ação por prolongamento ou projeção de seu corpo e os mediadores sócio-culturais.

Na relação da criança com o objeto, este é vivenciado como um prolongamento do eu e auxilia no espaço e a obter a segurança neste. A ação dinâmica com o objeto é seguidamente vivida como identificação do imaginário ou simbólico, ele torna-se arma, cavalo, carro, etc... Quanto mais nova a criança mais ela vive no imaginário. Quanto maior a sua idade mais ela amadurece para o simbolismo consciente. Esta comunicação pode restringir-se a dois ou expandir-se a um verdadeiro diálogo simbólico, um prazer de troca de conteúdo emocional.

Um exemplo pode ilustrar melhor as reações da criança e sua necessidade de expressar-se simbolicamente: "Se o educador forçar a criança a ficar em silêncio e imóvel no chão com os olhos fechados, poderá despertar nela o fantasma inconsciente da morte. Ele se manifesta por uma angústia difusa. Contra esta angústia a criança se defende rompendo o silêncio ou a imobilidade. Mas, se a criança brinca de morte, ela ficará o tempo necessário imóvel, em silêncio e relaxada — porque assim a morte é conceituada, dominada e não é mais um fantasma, inconsciente, ansiógeno" (LAPIERRE, A. & BERNARD, A., 1984, pág. 65). Ele é desmascarado e identificado, perde seu poder de perturbação emocional. Quando os fantasmas originais que sustentam as tensões ansiosas na criança são elaborados através de um vivenciamento simbólico, essas tensões são eliminadas.

Algumas formas de manifestações simbólicas onde a criança exterioriza seus fantasmas são demonstradas em suas verbalizações, como:

— "Fantasma de destruição, de morte, de disjunção, de devoção.

— Você está morta, eu te matei... eu te arranco o coração...

— A gente vai cortar sua cabeça... a gente vai te comer...

— Fantasma de poder:

Sou o mais forte do mundo.

— Fantasma de dominação agressiva:

— Meu cavalo... escute... para a frente... mais rápido... deita aí... etc...

— Fantasma de dominação protetora:

— A gente vai te levar pro Hospital, a gente vai cuidar de você... (Após a morte, o que é um modo de negá-la).

— Você é meu gatinho (ou meu nenê)... Você vai ficar, com fome... eu vou te dar comida... vou te cobrir pra você não sentir frio.

— Pedidos de proteção:

— Você é meu papaizinho...

— Mamãe estou com fome...

— O emergir do recalçado:

Uma criança escondida sob vários panos:

— Estou sufocado!... estou morrendo! Estou morrendo!... de dor!... A minha irmã está me matando!...

— Ambivalência do amor—ódio pelo objeto maternal:

— Vou te matar com minhas facas... Vou te furar os olhos... Vou te abrir a barriga... Vou te queimar e te mandar para o céu..." (LAPIERRE, A. & BERNARD, A., 1984, pág. 94).

A criança libera mais espontaneamente seus desejos e vivencia mais profundamente os aspectos simbólico, afetivo e emocional a medida que lhe é permitido exprimir-se livremente. Torna-se imprescindível ao educador utilizar essa necessidade de ação e não reprimí-la.

CONCLUSÃO

As relações primárias tem indiscutível importância no desenvolvimento da criança, pois determinam a passagem às etapas posteriores. No decorrer destas relações, podem originar-se perturbações e conflitos, os quais, são elaborados através das substituições simbólicas.

Os problemas emocionais não afetam somente os aspectos psicológicos. Mas, podem atingir igualmente as manifestações corporais do aluno, comprometendo suas noções motoras, sua disponibilidade para se relacionar e acompanhar as propostas pedagógicas. Visto que, é na vivência das relações em um espaço comum de ação (espaço fusional), onde vão formar-se as noções de distância, dentro—fora e espaço—temporais.

É necessário que o educador respeite os desejos inconscientes da criança, permitindo-a viver seu corpo no plano pulsional, afetivo e fantasmático. E não recalque-os, transformando-os em múltiplas neuroses. Mas, ao contrário, proporcione situações que possibilitem exteriorizar estes desejos e assim, dominá-los.

Portanto, considerar os mecanismos de evolução psicológica em uma problemática corporal, de suas ações e expressões, torna-se fundamental ao educador que defronta-se com problemas desta natureza e que possui entre outros objetivos, educar a criança para vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAPIERRE, Anne et al FRANCH, Nuria. Conferência Buenos Aires, 1984.

LAPIERRE, André. Psicomotricidad Educacion y terapia. Conferência. Buenos Aires, 1984.

_____. Entrevista sobre a Psicomotricidade Relacional, 1984.

_____ & LAPIERRE, Anne. O adulto diante da criança: de 0 a 3 anos. São Paulo. Editora Manole, 1987, 153p.

_____ & AUCOUTURIER, Bernard. Fantasmas Corporais e prática psicomotora. São Paulo: Editore Manole, 1984, 139 pág.

_____ & _____. A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986, 88 pág.

LA PLANCHE, Jean. Vocabulário de Psicanálise: LAPLANCHE e PONTALIS sob a direção de Daniel Lagache: Tradução Pedro Tamem. São Paulo. Martins Fontes 1991, 552p.

MELCHERTS HURTADO, JOHANN G.G. Dicionário de Psicomotricidade e Ciências afins, JOHANN G.G. MELCHERTS HURTADO. Porto Alegre: Prodil, 1991, 120 p.